Vanessa Bosso

Soterrados



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



SOTERRADOS

Vanessa Bosso

Copyright © Vanessa Bosso
Todos os direitos reservados.
Edição Digital
- 2013 –

Capa e Diagramação: Vanessa Bosso
Revisão: Nanie Dias

Índice

- PRÓLOGO -

- HORA 1 -

- HORA 2 -

- HORA 3 -

- HORA 4 -

- HORA 5 -

- HORA 6 -

- PRÓLOGO -

Deserto de Yuma, México, dez da manhã

Os termômetros nem registram mais a temperatura. Os que não explodiram ou derreteram, resolveram entrar em greve. O sol está a ponto de torrar a pele branca de Alya, mas ela está fervendo mesmo é por outro motivo.

Prende os cabelos castanhos num coque alto e enxuga as gotículas de suor que se amontoam em sua testa. Seca as mãos na bermuda *jeans* e abana-se com a regata branca úmida pelo calor excessivo.

De hoje não passa, ela irá socá-lo. Bem, pelo menos é essa a imagem que grita em seu cérebro: o punho cerrado, o nariz de Theo chocando-se contra sua mão, sangue escorrendo aos montes, um sorriso satisfeito escapando por seus lábios ressecados pelo clima árido.

Ninguém está autorizado a descer desde o último desabamento, mas Alya não obedece às regras. Entra no elevador de serviço e aciona a manivela. Após o característico estrondo, o veículo desce lentamente, deixando a claridade do dia para trás.

Theodore não deveria estar lá embaixo. Quatro escavadores morreram e outros tantos foram feridos. Ele está obcecado com a tal câmara secreta, que promete confidenciar ao mundo um código sigiloso, tratado como lixo pelos cientistas.

No fundo do poço, Alya salta do elevador e caminha por um túnel sinuoso, repleto de escoras de madeira e materiais de construção. Não é claustrofóbica, mas sente-se asfixiar nesse local. É como se a qualquer momento o teto e as paredes pudessem engoli-la, sem qualquer aviso.

Avista Theo na última galeria descoberta. Há um plano de escavação aberto sobre a mesa improvisada, feita com tijolos empilhados e um compensado de madeira nem tão grosso, nem tão fino.

— O que está fazendo aqui embaixo? – o tom dele é hostil.

— O que *você* está fazendo aqui?

— Está desobedecendo uma ordem direta minha, Alya. Eu avisei que da próxima vez que isso acontecesse, você estaria fora. – a ameaça é escancarada. — Suba, pegue suas tralhas e se mande daqui.

— Sou a segunda no comando, não pode simplesmente me expulsar da escavação. Aliás, os investidores cairão matando em cima de você caso eu não esteja mais aqui para consertar suas merdas.

— Quer medir forças comigo? – ele estreita o olhar e Alya não se intimida.

— Você subirá comigo e será agora, Theo. Não há nada que possamos fazer enquanto os especialistas não chegarem.

— Não vou esperar duas semanas!

— O teto está comprometido, não podemos continuar, seu idiota! – ela revida, aos berros.

— Cale a boca, não aguento mais ouvir o som da sua voz. – ele ralha.

— Quer saber? – Alya leva as mãos aos quadris e lança seu melhor olhar esmagador. — Você que se foda. Quer morrer? O problema é seu.

Theo não responde. Soca o tampo da mesa improvisada e a madeira ondula, inconformada com tamanha violência. Se Alya fosse um homem, não restam dúvidas de que estariam trocando socos nesse exato segundo.

Mas, então, o som de estalos baixos ecoa pelo corredor, chegando até a galeria. Theo não se move e Alya prende o ar nos pulmões, aguardando numa expectativa que chega a arder.

A briga cessa por um minuto, talvez mais. Ambos sondam o cenário e o silêncio não nega que foi mais um alarme falso. Alya o encara e fará uma última tentativa.

— Suba comigo, encontraremos outra maneira de acessar a câmara.

— Não sairei daqui. – ele bate o pé e ela surta.

— Então morra sozinho, seu imbecil. – Alya esbraveja e gira nos calcanhares, pronta para abandoná-lo a própria sorte. Paralisa quando novos estalos e o som da terra se movimentando chegam aos seus ouvidos.

Esses dois estão muitos metros abaixo da superfície e qualquer tentativa de fuga se mostra impossível. Terão que atravessar um túnel sinuoso com mais de 800 metros de extensão até alcançarem o elevador de carga.

— Theo...

— Não dará tempo.

Os olhos de Alya estão incrédulos perante a cena. O túnel é devorado por toneladas de terra e escombros. As paredes caem como dominós e não há escapatória, estão sendo enterrados vivos.

Sente os dedos de Theo fechando-se em seu braço, obrigando-a a atirar-se debaixo da mesa improvisada. É tudo rápido demais. É tudo lento demais. Alya vive o caos e sabe que a galeria virá abaixo, tem consciência de que essa mesa não os salvará, funcionando apenas como engodo para retardar o inevitável.

- HORA 1 -

O barulho é ensurdecedor. A terra invade a galeria com uma força descomunal, tomando todo e qualquer espaço vago. Alya se encolhe debaixo da larga mesa, colando o rosto no solo frio, engolindo um gemido de pavor que quer a todo o custo arranhar a garganta.

Estão imersos na escuridão e o sentimento de estar sendo enterrada viva deixa Alya apavorada. Não permitirá que isso transpareça, não se mostrará frágil na frente de Theodore.

A tal mesa improvisada parece aguentar o tranco. O tampo de madeira se curva, mas não quebra. Alya não sabe se suspira em agradecimento ou maldiz a própria sorte. Está claro que não sairão desta com vida, é apenas um prolongamento da agonia.

Theo arqueja e seu semblante denota surpresa, talvez até receio pelas próximas horas. A morte nunca foi um problema, já que suas crenças ditam que existe algo lá do outro lado.

O barulho cessa e a nuvem de poeira os asfixia momentaneamente. Alya tosse para expulsar o ar viciado dos pulmões e seus olhos lacrimejam, por inúmeros motivos repletos de fundamento.

— Você está bem? – Theo questiona, puxando a lanterna do bolso traseiro.

— Acho que sim.

— Deveria ter saído quando mandei.

— Se eu estava aqui embaixo a culpa é sua, seu cretino. – ela grunhe, agressiva.

— Está com o rádio? – ele questiona, sem demonstrar um pingo de emoção. O escuro se desfaz quando a luz da pequena lanterna ganha vida naquele ínfimo espaço.

— Não.

— Nesse caso, estamos fodidos. – ele deita a cabeça no chão frio e inspira profundamente o ar carregado, tossindo a seguir.

— Não acredito que estou soterrada com o cara mais escroto da face da Terra. – ela bufa, em desacordo. – Poderia ser qualquer um, mas Deus escolheu a dedo, tinha que ser você.

— Cale a boca, Alya. É melhor começarmos a poupar o ar.

— Posso matar você e terei o dobro de oxigênio. – ela ri, desdenhosa. – Aliás, não é má ideia, posso aguardar você dormir. – estreita os olhos e fuzila Theo.

— Eu também sei jogar. E sou muito mais forte, portanto, não tente nenhuma gracinha.

Theo finca a lanterna no chão de terra batida, iluminando o cenário de maneira fantasmagórica. Alya não dará o braço a torcer, mas agradece silenciosamente por não estarem no escuro. Ela odeia a escuridão, tanto quanto odeia Theo.

Esses dois se conhecem desde a faculdade de arqueologia, cursada em Harvard. São

competidores natos e tornaram-se lendas no meio arqueológico quando descortinaram escritos perdidos que faziam parte da biblioteca de Alexandria.

Trabalham juntos por falta de opção. Apesar da rivalidade existir, sabem que essa união os torna mais fortes, uma dupla praticamente invencível. Mas desta vez foi diferente, nenhum deles sabia quem estaria na equipe de escavação até o momento de embarcarem para o México, há oito semanas.

Alya pensou em desistir, mas não o fez. A descoberta da câmara secreta é importante demais frente aos problemas de relacionamento com Theodore. E quando soube que seria a segunda no comando, engoliu o orgulho e topou, sem pestanejar.

Ela o fita de soslaio, sob a fraca iluminação da lanterna. Aos trinta anos, Theo é um cara bonitão, emoldurado por cabelos ensolarados e uma pele bem bronzeada devido às inúmeras horas de exposição ao sol. A camiseta branca está suja e bem colada ao corpo musculoso. Theodore é do tipo que acorda às cinco da manhã para uma corrida e ainda tem fôlego para exercícios abdominais e flexões de braço.

Alya é o oposto. Mantém a pele branca com camadas e mais camadas de protetor solar, odeia exercícios físicos e não segue qualquer dieta rígida. Claro que toma alguns cuidados alimentares, afinal, costuma participar de expedições e escavações em lugares ermos, países sem a menor condição de higiene.

— Não acredito que nas próximas horas estaremos mortos. – ela diz, em tom de desabafo.

— Não sei você, mas acabei de ter uma conversa particular com Deus.

Alya ri e muito.

— Deveria confessar os seus pecados também. – ele diz, sem se importar com a reação exagerada dela.

— Você se confessou? – Alya gira o corpo o suficiente para encará-lo. — Impossível ter feito isso tão rapidamente.

— Pare de falar ou ficaremos sem oxigênio antes da hora. – ele retruca, sem fitá-la.

— Ninguém morre antes da hora. – Alya bufa e volta à posição original.

Estão cercados por quatro paredes de terra e escombros. Theodore nem cogita a possibilidade de tentar encontrar uma saída, já que a situação poderia se agravar ainda mais.

Debaixo da mesa, é possível para eles permanecerem deitados e esticados. Há espaço para rolarem o corpo de um lado a outro e, se abaixarem a cabeça, podem sentar-se, o que já alivia bastante o estresse nas costas.

Alya supõe que o ar estará disponível por quatro horas, talvez um pouco menos. Seu cérebro grita pela sobrevivência, querendo a todo o custo que ela encontre uma maneira de escapar. Infelizmente, sabe que não devem mexer nos escombros ou a morte poderá abocanhá-

los no primeiro erro.

Apesar de calados, o silêncio não se faz presente. A madeira estala sob suas cabeças e Alya nota que o compensado enverga um pouco mais a cada minuto. O som da morte deixa ambos despertos e meditativos.

E assim, a primeira hora soterrados acaba de passar.

- HORA 2 -

O silêncio recai sobre o pequeno espaço quando os ruídos cessam. O ar está pesado, poeirento, tenso. Alya começa a pensar na morte como uma benção, um descanso para os seus músculos retesados e doloridos. Droga, ela não quer se entregar, não vai desistir!

Theo deita a cabeça sobre as mãos e cruza os pés, como se estivesse numa praia, relaxando. Ela não se conforma com a cena e, numa raiva latente, dispara sem dó:

— Você não tem alma, só pode ser isso.

— Pensei que tivesse morrido. – ele afirma, com um sorriso debochado no rosto recém-barbeado.

— E se não vierem nos resgatar? – o tom de Alya é inflamado, desesperado.

— Eles virão, mas encontrarão dois corpos sem vida.

— Como pode dizer algo assim? Estou tentando ser forte, manter a esperança.

— Desculpe, mas essa sua esperança é uma ilusão, Alya.

— Eu odeio você! Como pode ser tão frio? – sem pensar, ela ergue o corpo e soca o tórax de Theodore diversas vezes. — Se eu estivesse com o meu canivete, juro que mataria você agora!

— Que sorte a minha. – ele ironiza, agarrando os pulsos dela com força. — Não me incrimine por estar nessa situação, a única culpada é você. Quem mandou desobedecer as minhas ordens?

— Cretino. – ela se solta e os olhos ficam marejados de imediato.

— Fique aí no seu cantinho e, por favor, finja que eu não existo.

Apesar de dividirem o mesmo ar-tempo-espaço, uma barreira invisível se forma entre eles. Theo continua na mesma posição, respirando calma e profundamente. Já Alya chora baixinho, deitada em posição fetal.

Ela faz cálculos mentais complexos e todos os resultados garantem que a equipe de resgate não chegará a tempo. Serão dias, talvez semanas até encontrarem seus corpos em decomposição. Alya morde o lábio trêmulo e se força a parar de chorar. Não irá morrer desta forma, não sem ao menos tentar escapar.

— O que pensa estar fazendo? O túnel desabou, você não viu? – Theo se sobressalta quando Alya se senta e começa a cavar a terra ao lado. — O máximo que conseguirá será reduzir o nosso tempo de vida.

— Não vou morrer debaixo dessa mesa. Não sou covarde e idiota como você.

— Do que me chamou? – ele se enfeza.

— Você está surdo?

— Pode me atacar o quanto quiser, mas nunca diga que sou um covarde.

— Prove. – ela o encara, destemida.

— Não adianta cavar, não iremos a lugar algum.

— É isso então? Deitar na cova e morrer ao lado de um merda como você? Desculpe, não posso aceitar isso. – ela sorri, incrédula.

— Ok, eu não desisti. É isso o que queria ouvir? Pois está dito e daqui em diante, fique quieta para eu poder pensar com clareza. E, pelo amor de Deus, pare de fungar.

— Está mesmo pensando em uma saída? – ela o fita, enchendo os pulmões de esperança e poeira. — Ou isso é uma manobra para eu me calar?

— Me deixe pensar. – ele bufa e se estira na terra novamente.

Resignada e com a confiança renovada, Alya solta o elástico dos cabelos e deita-se, tomando o cuidado de se manter bem longe de Theo. Mira o compensado de madeira sobre sua cabeça e nota que está mais envergado do que antes. Se Theodore tiver um plano, precisa ser colocado em prática o mais rápido possível.

Ela força a mente a trabalhar no máximo da capacidade. Não possuem ferramentas e a única coisa que sabem é que estavam próximos da câmara secreta, de acordo com as imagens de satélite.

Enquanto quebra a cabeça, a segunda hora se esvai.

- HORA 3 -

O ar está ficando tóxico. A mente nebulosa. Os pulmões chiam, inconformados. Os olhos lacrimejam sem parada. Está frio e calor ao mesmo tempo, como se isso fosse possível. Alya treme de maneira incontrolável e Theo não responde às suas perguntas, muito menos aos insultos.

— Pare de gemer. – finalmente ele diz alguma coisa.

— Estou com frio. – a voz dela é entrecortada pelas batidas do queixo. — Theo, o ar está acabando. Se tem alguma ideia, divida comigo.

— A câmara deve estar atrás de nós, mas não conseguiremos escavar apenas usando as mãos. E sem ar, não iremos muito longe.

— Precisamos ao menos tentar.

Ele se fecha em copas novamente. Alya não consegue mais raciocinar, está entregue às necessidades básicas do seu corpo. Fome, sede, frio, proteção. Como se lesse os seus pensamentos, Theodore resolve dois dos problemas dela com um gesto que a pega desprevenida: aproxima-se e estende o braço acima de sua cabeça.

Alya demora algum tempo para tomar qualquer atitude. Sem dizer nada, deita a cabeça sobre seu braço e gira o corpo levemente, sentindo a mão dele correr por seu cabelo, até abraçar suas costas.

Imediatamente a temperatura sobe e ela acredita estar segura, por mais que a situação grite o contrário. O silêncio continua reinando e Alya ouve as batidas compassadas de seu coração, o chiado da respiração, a voz estrangulada quando ele desiste do que iria dizer.

— Obrigada, Theo.

Ele apenas suspira enquanto continua maquinando uma maneira de tirá-los dessa enrascada. Não é a primeira vez que Theo se vê a beira da morte e já está acostumado a manter a calma, independente do cenário adverso.

Fecha os olhos por alguns instantes e o aroma dos cabelos dela o invade, paralisando-o. A proximidade de Alya o deixa confuso, sempre foi assim. Theo lutou bravamente, mas sabia que em algum momento seria vencido, que acabaria cedendo a ela.

Alya nota que ele ofega e fica inquieto de repente. Sente os músculos de seu tórax se retesarem sob sua mão. O coração dele dispara e ela permanece quieta, estável. Não quer correr o risco de dizer algo que inflame esse instante de paz, afinal, está tão bom assim.

— Se arrepende de alguma coisa? – ele questiona, num murmúrio.

— Não. E você?

— Algumas coisas. – afirma.

— Faria algo diferente?

Ele demora a responder, mas quando fala, seu tom é claro e firme:

— É bem provável que sim.

— Sabe, somos responsáveis por nossas escolhas. E você fez a sua naquela noite, quando dormiu com a minha melhor amiga.

— Não planejei aquilo. Eu estava bêbado e ela se aproveitou da situação.

— Ah, faça-me o favor! – Alya surta e se senta para encará-lo sob a luz bruxuleante da lanterna que está prestes a falhar. — Naquele baile você disse que me amava e, então, engravidou a Lucille?

— Não foi intencional, Alya. Quantas vezes terei que repetir isso?

— Você é um filho da puta, Theo.

— Lucille está casada, tem outro filho e você continua remoendo esse assunto. Até quando, hein?

— Até a morte. – Alya grunhe, irada.

— Ótimo, que ela venha logo então.

Os cabelos de Alya espalham-se revoltos pelo chão quando se deita, de costas para Theo. Está difícil respirar e a sensação de morte se avizinha, sorrateira. Não tinha a intenção de trazer esse assunto à tona novamente, mas o ódio ainda é latente, como se a noite do baile de formatura tivesse acontecido ontem.

— Estamos à beira da morte, nem assim vai me perdoar? – ele indaga num sussurro, alto o bastante para que Alya ouça.

— Não. – na verdade, é um sim que quer sair de sua boca.

Antes que Theo retruque, um novo ruído chacoalha as estruturas da mesa. A madeira estala e Alya engasga um grito apavorado. O tampo está rachando ao meio e finalmente a morte chega rasgando, implacável.

A vida está por um fio, segura por um tampo de compensado que não suporta mais o peso da terra. É o fim dos sonhos, das ânsias, do futuro. Os escombros inundarão o pequeno espaço e Alya suplica, inconsolável, que a morte seja rápida e indolor.

A madeira racha ao meio e a terra invade o cenário de maneira fatal. Quando se dá conta, Theo está sobre ela, protegendo-a do inevitável. Por incrível que pareça, esses dois não estão mortos e uma brisa com cheiro de mofo sopra vinda de algum lugar, mudando o ar no mesmo instante.

Theo percebe o fato e procura alguma fenda, utilizando a fraca iluminação da lanterna. Nesse instante, num tremendo golpe de azar, a fonte de luz se apaga deixando-os na total escuridão.

— Não, agora não! – Theo soca a lanterna e ela pisca uma, duas, três vezes. E então,

para total desespero de Alya, pifa de vez.

— Ah, meu Deus. – ela fecha bem os olhos e sente todo o peso de Theo sobre si. Quer se livrar dele, mas não há espaço para se moverem.

Num ataque de pânico desavisado, Alya começa a se debater, numa emergência abrasadora. Grita, bate, morde, chuta, como se precisasse disso para sobreviver. Sente-se sufocar e Theo tenta acalmá-la com palavras mansas e, quando nota que nada adianta, desfere-lhe um tapa no rosto.

— Chega disso, Alya.

— Seu desgraçado! – mesmo sem enxergar um palmo na frente do nariz, ela consegue fechar os dedos no pescoço dele, na intenção de estrangulá-lo. Talvez seja o efeito do pouco ar disponível ou porventura esteja levando à cabo um desejo sanguinário há muito tempo escondido nos recônditos de seu coração amargurado. O que importa mesmo é que ela perdeu o controle e Theo está irado com essa reação exacerbada.

Facilmente se desvencilha, atando seus punhos no chão, segurando-a com firmeza. Não podem se ver, mas Theo sabe exatamente o que há embaixo de si. Uma linda mulher no auge dos trinta anos, cabelos castanhos compridos e desfiados, grandes olhos acinzentados, uma boca que lança palavras ácidas, mas também grita por beijos escaldantes. Ele a ama desde o primeiro encontro na faculdade, a ama como se não houvesse outra mulher no mundo. Nunca se perdoará pela merda que fez, pela maneira que se deixou seduzir por Lucille naquele dormitório. Não há absolvição para o fato consumado e as consequências do ato.

— Me solte, Theo! – ela brada, furiosa.

— Não.

— Eu te odeio, O-D-E-I-O!

Theo aproxima os lábios de seu ouvido esquerdo e balbucia, com uma convicção que a deixa em choque:

— Não, Alya. Você me ama.

— Enlouqueceu? – ela grita em aflição. — Seu ego é tão grande que chega a ser patético!

— Você me ama, eu sei disso. – o tom de Theo não se altera. Se Alya pudesse vislumbrar sua expressão nesse exato instante, veria um cara orgulhoso, com um tremendo sorriso no rosto. — Se eu tinha alguma dúvida sobre isso, ela foi sanada debaixo dessa mesa. Você me ama e não quer admitir isso. Não se esqueça que a linha entre amor e ódio é tênue, Alya.

— Cale essa boca e me solte!

— Já disse que não.

Alya reinicia a luta já perdida. Debate-se, mas Theo é muito mais forte e nem precisa se

esforçar para mantê-la sob seu domínio. Ela não pode desistir, não deve ceder a ele!

— Diga. – ele pede.

— Eu te odeio. – ela responde, numa intensidade que ecoa no pequeno espaço.

— A verdade.

— Odeio.

— Alya. – ele diz, beijando sua testa demoradamente. Ela estremece com o gesto e o corpo todo amolece, entregue. — Não posso morrer sem antes dizer que amo você, sempre amei. E me arrependo sim daquela noite. Se eu tivesse o poder de apagar alguma situação passada, seria essa. Perder você foi um golpe cruel, eu nunca consegui me recuperar totalmente daquele baque.

— Pare de falar. – se tivesse lágrimas, Alya estaria chorando.

— Eu te amo. – dito isso com uma firmeza sem precedentes, seus lábios escorregam pelo rosto poeirento de Alya. Sabe que ela não terá para onde fugir e há muito tempo anseia por esse momento, deseja sentir novamente o gosto dela em sua boca.

— Theo, não. – ela diz não, mas o corpo todo clama por um sim. — Theo, pare.

Na escuridão, ele descobre seus lábios já entreabertos, aguardando-o. Atira-se em sua boca sedenta, derrubando todas as proteções armadas ao longo de anos torturantes para ambos os lados.

Alya está exausta, frágil, entorpecida. Ela deveria esbravejar, empurrar, esconder-se como fez esse tempo todo, mas não. A tentação é maior, o desejo sobrepuja o ressentimento, a razão. Ela o ama, enlouquecidamente.

E nesse instante a terceira hora acaba de se findar.

- HORA 4 -

Esses dois são tomados por uma força maior, algo avassalador capaz de romper barreiras, mover mundos, criar a partir do nada, findar guerras, transformar vidas, resgatar almas perdidas, transmutar sentimentos, apagar mágoas, provar que a felicidade existe.

Naquele espaço mínimo, a sensação é de agigantamento. É como se tudo estivesse no seu devido lugar, acontecendo conforme os planos do destino. Alya toma consciência disso quando sente o corpo em chamas e a morte não parece tão amedrontadora assim. Pode vir, ceifadora de vidas, ela está pronta.

Theo está enlouquecido. Suas mãos passeiam pelo corpo dela com avidez, numa urgência que chega a queimar. Esperou tempo demais, deveria ter agido conforme seu coração ditava. O orgulho é um sentimento destruidor, um verdadeiro atraso de vida.

Alya agarra-se àqueles cabelos úmidos e arfa quando Theo pressiona ainda mais seu corpo contra o dela. É uma sensação de plenitude, uma conexão poderosa, dessas que geram uma energia transcendental.

Só o poder do amor é capaz de salvar.

Só a força do amor é capaz de libertar.

E isso se prova quando um novo abalo é sentido. A terra se movimenta com ferocidade, tirando do caminho qualquer coisa que atrapalhe o destino. Ele precisa ser cumprido.

Theo sente no rosto uma baforada quente e libertadora. Sem descolar seus lábios dos dela, ergue os olhos e nota uma luz no fim do túnel. Sente a brisa tocando seus cabelos e sorri, agraciado.

— Vislumbre o nosso *ticket* de saída, Alya.

Ela ergue a cabeça e gira o pescoço. Há uma brecha larga entre os escombros e é possível enxergar um ponto luminoso nem tão distante, nem tão próximo assim.

— Só pode ser a câmara secreta. – ele afirma.

— De onde vem a luz? – ela questiona, numa felicidade incontida.

— Jogo de espelhos, como os antigos egípcios faziam. Ainda é dia na superfície.

— Isso quer dizer que...?

— Existe uma saída.

E a quarta hora se encerra.

- HORA 5 -

Estão esgotados, mas nada será capaz de aprisioná-los. Cavam sem parada e a cada punhado de terra retirado do caminho é mais um passo para a salvação e a liberdade.

Esses dois são movidos pelo instinto básico de sobrevivência e algo mais. O amor é a chama que os mantém acesos, que os faz seguir em frente sem olhar para trás.

Alya quer viver, experimentar na pele as sensações e sentimentos que fazem seu coração bater com mais força, que a aquecem em meio à terra gélida, que a movimentam mesmo quando o corpo dá sinais de fraqueza.

Theo está tomado por uma força invisível, um poder que surge do além. Age com rapidez e destreza, tirando da frente qualquer coisa que atrapalhe uma vida longa, feliz e plena ao lado de Alya.

Quarenta minutos depois, alcançam a entrada da câmara secreta. É um lugar grandioso, guardado por dois leões de ouro, fracamente iluminado pelo sol que chega através de espelhos perfeitamente posicionados ao longo da galeria.

Vislumbram uma escada de madeira ao longe e parece que a qualquer momento irá desabar. Eles se encaram por alguns segundos, estudando-se. O achado é mais importante do que correrem para salvar a vida?

— Theo, você decide.

Um novo abalo e o chão chacoalha violentamente. Pedras despencam do alto da galeria, caindo mortalmente sobre objetos antigos, de valor inestimável. Está óbvio que em breve a câmara será soterrada para sempre.

— Nada é mais precioso do que a sua vida, Alya.

— Theo...

— Vamos embora daqui.

Ele agarra seu punho e corre mais do que depressa em direção à escada. Não percebe, mas Alya está sorrindo como nunca antes. Ela sabe o quão importante é essa descoberta e, ainda assim, ele optou por ela. Por eles. Por esse amor.

Alcançam a escada e a madeira está apodrecida, esfacelando-se em diversos pontos. Theo segue na frente, sem soltar da mão de Alya. Vence os primeiros degraus e o corrimão envergado acaba de desabar.

— Não me solte, em hipótese alguma. – ele pede, subindo com cautela.

— Não irei soltá-lo. Nunca mais.

Alya pisa em falso num dos últimos degraus e parte da escadaria cede, com um barulho

estrondoso. Está pendurada no ar, agarrando-se ao punho de Theodore, fincando as unhas sujas em sua pele suada e escorregadia.

— Alya, não solte! – ele grita, em desespero.

Theo não tem onde se segurar. Sente a mão dela deslizar e as forças estão se esvaindo. Não irá perdê-la novamente, essa é uma possibilidade inexistente. Inspira e expira profundamente, pedindo silenciosamente que os deuses antigos lhe enviem a força necessária, que não permitam que essa tragédia aconteça. Se ela cair, ele morrerá.

Um novo abalo sacode a escada destruída e Theo prende a respiração, trincando o maxilar. Cerra o punho com uma força descomunal, inumana, puxando Alya para cima. Seus músculos distendem debaixo da pele, alguns até arrebentam tamanho o esforço. Nada será capaz de detê-lo.

Ela se agarra ao seu pescoço, sendo içada do vazio. Quando os pés atingem o degrau, a madeira range em desconforto. Ele a abraça de forma desesperada, como se não fosse soltar nunca mais.

— Vamos sair logo daqui.

— Eu te amo, Theo. – finalmente ela diz.

— Eu já sabia. – ele sorri e não registra a dor horrenda que lateja em seu braço direito. Nada como uma boa dose de adrenalina nas veias.

Alcançam o último degrau e param um instante apenas para observar o teto da câmara desabar. É triste saber que tamanha preciosidade será enterrada e destruída. Mas tanto Alya quanto Theo sabem que algumas coisas devem ficar esquecidas, não podem ser reveladas ao mundo. E essa câmara secreta guarda os ensinamentos extraterrestres dirigido aos povos antigos do planeta Terra. Se isso viesse à tona, o caos reinaria, as igrejas cairiam, a fé em Deus seria abalada.

Foi melhor assim.

- HORA 6 -

Correm por uma caverna úmida, rochosa, escorregadia. Passam batido pelos espelhos que refletem a luz solar, iluminando o caminho. Já vislumbram a saída, mas terão que escalar um paredão de alguns metros.

Theo segue na frente e seu braço inutilizado dificulta a subida. A dor não importa, nada além de Alya e a liberdade tem qualquer importância. Eles vencem a última barreira, alcançando as areias do deserto. Sugam o ar de forma ansiosa e deitam sobre as plantas rasteiras nativas dessa região. Não enxergam o acampamento, mas isso é irrelevante. Estão salvos. Estão juntos.

Muitas palavras precisam ser ditas, mas nada ganha voz. Alya deita-se sobre o peito de Theo, apenas agradecendo pela dádiva da vida, do amor, da chance que lhes foi concedida.

Se a morte não foi capaz de separá-los, ninguém mais será. Infelizmente foi preciso uma situação catastrófica para que ela percebesse isso. Nunca mais deixará de ouvir os sinais da vida, sua voz interior. Jamais agirá tendo o orgulho e a mágoa como guias.

— Theo, eu amo tanto você.

— É muito bom ouvir isso.

— Desculpe, fui uma idiota.

— Eu também fui. Estamos quites. – ele afirma, num suspiro apaixonado.

— Não quero me levantar daqui.

— Que seja feita a sua vontade.

O silêncio os abraça, assim como os raios de sol. Permanecem calados por algum tempo, até que Alya limpa a garganta ressequida e diz:

— Sei o que essa descoberta significava para você. Eu sinto muito.

— Está tudo bem.

— Acha mesmo que o código completo do DNA humano estava em algum lugar naquela câmara?

— Tenho certeza que sim. Mas é como dizem, “Deus escreve certo por linhas tortas”. Talvez não estejamos prontos para assumir a responsabilidade por tamanho conhecimento.

A sede não incomoda mais. A fome muito menos. Vivem de amor, como gostariam de pensar os românticos de plantão. Mas essa não é a verdade, estão exauridos, não seriam capazes de dar mais um passo em direção ao acampamento.

A sexta hora passa, juntamente com a sétima, a oitava, a nona e a décima. Quando a noite chega, traz algo impossível com ela. Luzes coloridas giram e orbitam sobre suas cabeças.

Alya sobressalta-se e Theo acorda repentinamente.

Se veem cercados por uma luz sobrenatural e são imediatamente sugados para dentro de uma nave. Quando entendem com o que estão lidando, dois seres cinzentos se materializam diante de seus olhos incrédulos. Theo não solta Alya, abrançando-a contra o peito, protegendo-a do que quer que seja.

— Os humanos modernos não estão preparados para descerrar o conhecimento arquivado debaixo deste deserto. Mas vocês passaram no teste e serão os portadores do enigma da vida terrestre. – o baixinho cinzento diz, telepaticamente. – Aceitam essa dádiva?

Theodore e Alya se encaram, absortos. Estão mesmo numa nave alienígena? Estão mesmo escutando dois extraterrestres em suas cabeças? Ou será apenas um delírio compartilhado devido à exposição ao sol e a falta de água? Pior ainda: será que estão mortos naquela galeria? Será que nunca escaparam?

— Entendo seus questionamentos racionais, mas posso afirmar que escaparam e estão vivos. O conhecimento não pode ser destruído e vocês foram escolhidos para guardar e repassar, no devido tempo, o que se perdeu naquele desabamento. Estão preparados para isso?

— Sim. – Alya responde, incerta.

— Sendo assim, a partir desse momento, eu vos declaro Guardiões da Chave da Vida, os únicos humanos conhecedores do código completo do DNA humano. – o extraterrestre faz uma pausa em suas mentes e acrescenta: – Sejam bem-vindos à Luz.

FIM

Outras obras da autora na Amazon:

A Aposta – romance teen
Possuída – romance teen sobrenatural
Poção do Amor – romance teen/magia/bruxaria
O Imortal – romance/alquimia

Para entrar em contato:

e-mail: bosso.vanessa@gmail.com
twitter: https://twitter.com/vanbosso
facebook https://www.facebook.com/vanessa.bosso